

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC  
Centro de Comunicação e Expressão – CCE  
Departamento de Jornalismo  
Aluno: Bruno Dorigatti

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo  
Retratos de uma Espera – Uma Grande Reportagem no  
Presídio Masculino de Florianópolis

A idéia de fazer a reportagem no Presídio Masculino de Florianópolis naturalmente surgiu passando ali pela frente quase todo dia, vendo os prédios e se perguntando como seria ali dentro a vida daquelas pessoas enclausuradas. A princípio, não sabia das diferenças entre presídio e penitenciária ( o primeiro é para quem está esperando julgamento e o segundo, para quem já foi condenado; mas não é bem assim que as coisas funcionam), e imaginava fazer algo sobre o complexo inteiro, o que, percebi, iria tomar muito mais tempo. Eu tinha o telefone da assistente social do presídio – fiquei de fazer uma matéria com ela uma vez –e então resolvi trocar uma idéia com ela. Ao explicar a vontade de fazer o trabalho ali, Roseana da Silva mostrou-se disponível para ajudar e prontamente me emprestou livros sobre a questão penal e trabalhos de conclusão feitos no presídio. Isso era na época da greve, por maio e junho. Perto de iniciar o trabalho, em agosto, conversando com a Ana Leticia, que não saberia o que fazer de trabalho final, convidei-a para fazermos junto o trabalho, no que ela topou.

Conversamos com o diretor do presídio, explicamos nossas intenções de retratar a vida daquelas pessoas que passavam algum tempo ali dentro, falar do que se ocupam, o que comem, o que pensam, o que esperam; enfim, com o trabalho gostaríamos de ouvir histórias destas pessoas que, de certa forma, sofrem uma exclusão e inferiorização tremenda ali.

Resolvemos dividir o trabalho em temas a serem esgotados cronologicamente - o que obviamente não foi possível, mas mantemos assim uma certa organização. Começamos falando da religião, dos seus significados e da sua atuação ali dentro; depois do trabalho, da ocupação, realizada nas quatro oficinas ou nos próprios cubículos; a seguir tratamos da infraestrutura, de como funciona a enfermaria, a cozinha, o trabalho dos regalias externos, dos agentes prisionais. Acrescenta-se ainda uma visita a penitenciária com o Conselho de Comunidade e entrevistas com os responsáveis pela assistência social e psicológica, pela segurança do complexo penitenciário, pela segurança ali do presídio e pelo setor penal. Conseguimos também uma importante entrevista com um preso que saiu dali há pouco tempo depois de ficar nove meses e uma entrevista com o diretor da instituição.

A apresentação também ficou cronológica pois, a maneira que íamos conhecendo o local íamos assimilando isso no texto e entendemos que isso é importante. No primeiro dia lá dentro, diria que a entrada foi apreensiva. Começamos com o culto muçulmano em uma cubículo e, ao abrir a porta da galeria e falarem para a gente entrar, uma sensação de insegurança se abateu por alguns minutos. Ali, pessoas que nem nós e você, loucas para trocarmos uma idéia com pessoas de fora, pois pessoas de fora são raras. Pessoas com angústias, desejos, esperanças e todos os sentimentos que uma pessoa tem. Só que o estigma criado aqui fora a respeito dessas pessoas é algo de uma força e

poder de persuasão imenso. Somente depois de algumas visitas é que se percebe claramente essa situação.

Conhecer aquelas pessoas e saber porque estão ali, como vêem o mundo foi uma das experiências mais interessantes que já tive. Demonstra como algo que está do nosso lado consegue ficar omissivo, em silêncio em virtude das forças (grupos, classes, enfim, seres humanos) que lutam para que assim seja. Chega dar nojo.

Além do trabalho, desenvolvemos um jornal com os presos e para eles, o que nos fez gastar mais tempo e dedicação do que havíamos previsto inicialmente, devido, sobretudo a censura que ele sofreu do diretor do presídio. Outro ponto a ressaltar é a dificuldade de esgotar a questão. Tínhamos previsto algumas pautas fora, como sobre a transferência do complexo para São Pedro de Alcântara, sobre o novo Código Penal, em discussão no Congresso atualmente, a questão de penas alternativas, a atuação do Cevic (Centro de Vítimas de Crime). Chegamos a apurar a realização de cursos profissionalizantes em instituições penitenciárias, o que suspeitamos seja uma forma de conseguir um “dinheirinho” do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador). Porém, não tivemos tempo para terminar de apurar até a data da banca. Outra dificuldade diz respeito ao tempo de finalização. Preferimos estar lá no presídio até a semana anterior da apresentação. Assim, passamos também o retrato mais recente de lá.

Por último, gostaria de ressaltar que pretendemos ainda revisar e reescrever o trabalho, com mais calma e mais tempo, juntamente com sugestões da banca ou de qualquer outro interessado em colaborar. O que temos aí é um trabalho de reportagem que pode ser melhorado e muito.